

A NOVA HISTÓRIA POLÍTICA E AS FONTES MIDIÁTICAS:

HISTÓRICO, METODOLOGIAS E FONTES – BREVE COMENTÁRIO.

Línive de Albuquerque Correa

Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de
Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

linive-correa@hotmail.com

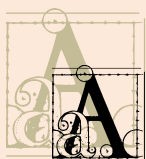
resumo: A década de 1970 serviu de palco para a renovação da História Política, impulsionada, sobretudo, pelo contato desta com outras ciências sociais, bem como, pela troca com outras disciplinas. A terceira geração dos *Annales* ampliou esta renovação, destacamos como consequência desta abertura, a promoção do diálogo entre história e jornalismo, nos propusemos, no decorrer do presente artigo, a traçar um breve histórico desta relação. E, ao mesmo tempo, num segundo momento do trabalho, elencar algumas atitudes indispensáveis no tratamento das mídias, sobretudo impressa, como fonte e/ou objeto de pesquisa. A mídia é responsável pela veiculação de um tipo de conhecimento distinto do difundido pela História, porém, atua na construção do acontecimento histórico. Toda pesquisa que tome a imprensa e seus produtos como fonte e/ou objeto demanda também de uma análise política.

palavras-chave: História e imprensa; Comunicação Social; História e jornalismo.

abstract: The 1970s served as a stage for the renewal of Political History, driven above all, by its interactions with other social sciences, as well as by exchanges with other disciplines. Schools of thought such as the third generation of the *Annales* extended this renewal. We highlight as a consequence of this opening, the promotion of the dialogue between history and journalism. We attempt, over the course of this article, to draw a brief history of this relationship. Simultaneously, a secondary discourse of this work will be to list some indispensable attitudes in the treatment of the media, especially printed, as a source and / or object of research. The media is responsible for the dissemination of a type of knowledge distinct from that disseminated by history, nevertheless it influences the construction of historical events. We propose that any research that takes the press and its products as source and / or object also demands a political analysis.

key-words: History and the press; Social Communication; History and journalism.

introdução



década de 1970 serviu de palco para a renovação da História Política quando esta deixou de ser compreendida apenas como reflexo do econômico¹, situação impulsionada, sobretudo, pelo contato desta com outras ciências sociais bem como pela troca com outras disciplinas, necessidade imperativa à história política dado ter seu objeto uma natureza sumamente interdisciplinar. “Não há hoje muitas realidades da nossa sociedade que a história política não tenha começado a explorar, desde as classes sociais até as crenças religiosas, passando pelos grandes meios de comunicação ou as relações internacionais.”².

Para Tania de Luca, ao hastear a bandeira de “novos objetos, problemas e abordagens”³, a terceira geração dos *Annales* ampliou esta renovação, pois, ao incentivar a problematização da história, desencadearam mudanças significativas com relação as concepções de documento e, conseqüentemente, a prática historiográfica, estabelecendo, desta forma, novas possibilidades à escrita da História Política. Destacamos aqui, como consequência desta abertura, a promoção do diálogo entre história e jornalismo, contato que, ao longo dos anos, tem se revelado essencial para o desenvolvimento de ambas. Proposições de Jean-Pierre Rioux⁴ lançam bases para a compreensão das duas áreas como indiscutivelmente dependentes da ação humana, posto que são alimentadas pelo mesmo elemento: o fato histórico. No entanto, lidam de modo diferente com o fato. Historiadores e jornalistas “falam” de

¹ RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. 472p.

² RÉMOND, René. Uma história presente. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.29; 36.

³ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153. (p.112, 113).

⁴ RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. pp. 119 - 126.

lugares dispostos em posições diferentes no mundo social, mantêm práticas opostas e seguem diferentes preceitos para redigirem, ou seja, realizam operações distintas⁵.

Para Júlio Aróstegui⁶, a documentação hemerográfica constitui, atualmente, um dos conjuntos documentais de maior interesse na pesquisa da história ocidental desde o século 18 e revela-se uma “fonte imprescindível” para as pesquisas em história política, cultural e social. Historiadores, a exemplo de Jean-Noël Jeanneney e Áureo Busetto, por exemplo, trazem à tona, porém, que “o setor dos meios de comunicação não é o mais ardorosamente trabalhado”⁷ dentro da nova História Política, seu renascimento ainda não se revelou totalmente eficiente no combate a “uma antiga imposição de pesquisa na mente de boa parte dos historiadores do político, a saber: a grande mídia é tão somente uma caixa de ressonância das instâncias políticas”⁸. Desta forma, relega-se a fonte midiática a uma condição de pouca relevância, fazendo com que os avanços no que concerne ao tratamento de seus produtos pela historiografia do político seja lento.

Simultaneamente a renovação da história política, verificou-se que o interesse pela fonte midiática passou a figurar mais pontualmente nas investigações históricas, emergindo, a partir de então, pesquisas sobre opinião pública e de outros elementos midiáticos. É também neste período (década de 1970) que, segundo Tania de Luca, o próprio jornal se torna objeto de pesquisa no Brasil. Ainda que recente, a produção historiográfica do país que toma a imprensa como fonte e/ou objeto, tem crescido vertiginosamente, caracterizando, a partir de 1985, um dos traços frequentes da produção acadêmica brasileira⁹. Sendo porém, ainda bastante recorrente a utilização das mídias, sobretudo mídia impressa e de seus produtos, como fonte de pesquisa para temas específicos¹⁰ e/ou como artifício confirmador de análises já apoiadas em outros tipos de documento, ou seja, como fonte auxiliar da pesquisa histórica. No entanto, ao contrário do que se pensava, quando do diálogo

⁵ CORREA, Línive de Albuquerque. *História, Imprensa e Política: A divisão do Estado do Mato Grosso nas páginas da Folha de S. Paulo. Monografia (Graduação). Curso de História, Campus de Aquidauana, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2013, 71p (p.32).*

⁶ ARÓSTEGUI, Júlio. Os instrumentos da análise histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru/SP: Edusc, 2006, pp. 417 - 558 (p.522).

⁷ JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 213 - 230 (p.213).

⁸ BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. pp. 09-23 (p.09).

⁹ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153 (p.118; 130).

¹⁰ BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. pp. 09-23 (p.15).

inicial entre jornalistas e historiadores, a imprensa revela-se “rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de restituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas”¹¹.

René Rémond chama a atenção para a flexibilidade das fronteiras do campo político, o qual, para o autor, tem passado por variações ao longo do tempo e se expandido no traçado da história, logo, não deve ser ele compreendido como um setor separado de todos os outros aspectos da vida coletiva, mas sim como “uma modalidade da prática social”¹². Assim, compreende-se que, toda pesquisa que tome a imprensa e seus produtos como fonte e/ou objeto requer também uma análise política pois, segundo Jeanneney, no interior das mídias “se reflete constantemente a vida política do país”¹³, imprensa e política são indissociáveis. Rémond porém, faz um alerta de que “os meios de comunicação não são por natureza realidades propriamente políticas: podem tornar-se políticos em virtude de sua destinação”, por ser uma “construção abstrata”, o político coordena e interfere nas relações profissionais e mesmo na vida privada¹⁴, por outro lado, é preciso igualmente considerar que os meios de comunicação, ao atuarem como agentes históricos, também influenciam o espaço político.

Maria Helena Capelato observa que “desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem: por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais”¹⁵. Ambas também o são, muitas vezes, entrelaçadas pela censura, assim, de diversas formas, a situação política pode interferir e influenciar a trajetória das mídias. Um grupo comunicacional, bem como seus agentes e produtos, deve ser analisado como partícipe do mundo político, sujeito e agente de uma troca contínua de influências decorrentes das práticas políticas. Compreende-se desta maneira a mídia como um sistema sujeito a mudanças contínuas, subordinado as transformações nos padrões (políticos, econômicos e também tecnológicos) dos meios de comunicação social¹⁶ e plenamente observável a partir de análises interdisciplinares.

¹¹ ZICMAN, Renée Barata. *História através da Imprensa - Algumas considerações metodológicas*. [s.n.]. 4ª Parte: Artigos. pp. 89-102 (p.89).

¹² RÉMOND, René. Uma história presente. In: *Por uma história política*. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 13 - 36 (p.35).

¹³ JEANNENEY, Jean-Noël. *Uma história da comunicação social*. Terramar. Lisboa - Portugal, 1996 (p.255).

¹⁴ RÉMOND, René. Do político. In: *Por uma história política*. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 441 - 450 (p.441, 442).

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto. 1988, p.13.

¹⁶ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.15.

Busetto fala de uma “chave” na qual se insere a “história da comunicação social” e aponta ser imprescindível ao historiador de qualquer mídia que este seja “também um historiador do social e da cultura”¹⁷. Aróstegui destaca a vultuosidade da imprensa como constituinte de um campo específico dentro da historiografia, que pode ser compreendido como parte da “chave” proposta por Busetto, o da “história da imprensa e do jornalismo”¹⁸. Este universo da comunicação social, porém, só se torna plenamente observável quando analisado em conjunto com as demais esferas sociais que compõe a sociedade¹⁹. Faz-se necessário, portanto, que os historiadores tomem parte da teoria e da tecnologia da comunicação, bem como que, aqueles que trabalham a comunicação e estudos culturais, considerem elementar o estudo da história, pois “nenhuma pesquisa pode permanecer isolada das demais de uma mesma área”²⁰. Ação definida por Asa Briggs e Peter Burke como: trazer “a história para o interior dos estudos de mídia, e a mídia para dentro da história”²¹.

O século XX foi marcado por profundas alterações no modo de vida urbano, e a imprensa se tornou um lugar privilegiado para a difusão cada vez mais abundante de informações. Os jornais profissionalizavam-se, porém, sem perder seus traços opinativos e o seu caráter interventor na vida pública. Para Aróstegui, a imprensa constitui “a fonte de comunicação pública de maior importância desse século e foi adquirindo relevo cada vez maior à medida em que nos aproximamos da época recente.”²².

metodologias e fontes

Para esta segunda parte do trabalho nos propusemos a elencar algumas atitudes indispensáveis no tratamento das mídias, sobretudo impressa, como fonte e/ou objeto de pesquisa. Aróstegui reafirma o método historiográfico como possuidor de dupla vertente, pois participa “do método geral do conhecimento

¹⁷ BUSETTO, Áureo. Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História. In: **Política e Identidade Cultural na América Latina**. BEIRED, José Luís Bendicho; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (orgs.). - São Paulo: Editora UNESP Cultura Acadêmica, 2010. pp.153 - 175 (p.157).

¹⁸ ARÓSTEGUI, Júlio. Os instrumentos da análise histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru/SP: Edusc, 2006, pp. 417 - 558 (p. 523).

¹⁹ BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. pp. 09-23 (p.11).

²⁰ ARÓSTEGUI, Júlio. Os instrumentos da análise histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru/SP: Edusc, 2006, pp. 417 - 558 (p.468).

²¹ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.10.

²² ARÓSTEGUI, Júlio. Os instrumentos da análise histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru/SP: Edusc, 2006, pp. 417 - 558 (p.522).

científico social” ao mesmo tempo em que é “tradução específica dessas mesmas características gerais para uma disciplina concreta”. Segundo o historiador, a que mais se distingue dentre essas características “é a natureza das fontes históricas”, constituída, sobretudo, de “vestígios, testemunhos, relíquias” que permitem a observação e o estudo do “comportamento social temporal”, objetivo da pesquisa histórica²³. Para René Rémond “a vocação do historiador é interrogar-se sobre o sentido dos fatos [...] e seu papel é formar hipóteses explicativas”²⁴.

De forma geral, é o problema, e a elaboração prévia de hipóteses, quem condiciona a fonte e não o contrário; é indispensável, para a análise das fontes, o estabelecimento de um aparato teórico-metodológico que conduza o andamento da pesquisa. Ainda segundo Aróstegui, as duas características essenciais a toda e qualquer fonte são “fiabilidade e adequação”²⁵. Seguindo essa linha, Caio Boschi faz um alerta importante com relação ao tratamento das fontes: o historiador não deve jamais ignorar a premissa básica “de que todo documento possui sua trajetória; nasce com determinada função e tem o seu processo finalizado em propriedade diversa daquela de seu advento” pois, “ao ser produzido, o documento tem propósito distinto daquele que, no futuro, ser-lhe-á conferido pelo historiador”²⁶.

Ao tratar da imprensa como fonte, Tânia de Luca alerta para o risco do chamado uso “ingênuo” das fontes midiáticas, de forma que se faz imperativo ponderar influências, objetivos, intenções e ideologias presentes no material consultado²⁷ (procedimento necessário a análise de qualquer documento). Com relação à imprensa, segundo a autora, deve-se ainda considerar igualmente sua função social, de propagação de ideias e instrumento de luta para os mais diversos movimentos, e sua função econômica como fonte de lucro. Tomando-se o cuidado de contrapor as informações obtidas por meio dos produtos midiáticos a outras obtidas pelas diversas fontes.

Aprioristicamente, temos, como aporte fundamental que, para tratar de estudos pertencentes a chave da comunicação social, primeiro se delimitem os

²³ Idem, p.423; 480.

²⁴ RÉMOND, René. Uma história presente. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 13 - 36 (p.17).

²⁵ ARÓSTEGUI, Júlio. Os instrumentos da análise histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru/SP: Edusc, 2006, pp. 417 - 558 (p.508).

²⁶ BOSCHI, Caio César. “O historiador, os arquivos e as novas tecnologias - notas para debate”. In: **Exercícios de pesquisa histórica**. Ed.: PUC - MG, 2011. pp.13 - 34 (p.16).

²⁷ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153.

campos de interesse da pesquisa. Segundo Renée Zicman²⁸, as relações de História e Imprensa podem ser divididas em dois principais campos. O primeiro, *História da Imprensa*, “busca reconstruir a evolução histórica dos órgãos de Imprensa e levantar suas principais características para um determinado período”. E o segundo, *História através da Imprensa*, engloba “os trabalhos que tomam a Imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica”. O autor propõe ainda, com base nos postulados de Pierre Albert, que as análises da imprensa devem ocupar-se, primordialmente, de três questões: “atrás”, ‘dentro’ e ‘em frente’ do jornal”:

- ✓ **Atrás:** diz respeito a tudo aquilo que contribui para a realização e confecção de um periódico - e aqui estendemos as proposições de Zicman, ou qualquer outro produto midiático, bem como no seu controle.
- ✓ **Dentro:** analisa as “características formais da publicação, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional [...], a publicidade, [...] e as principais tendências da publicação”.
- ✓ **Em frente:** “diz respeito à audiência da publicação ou ainda seu público-leitor alvo”.

Esses elementos devem ser compreendidos como norteadores de pesquisa, importantes, sobretudo diante das denúncias que se fazem aos historiadores da imprensa, notadamente no caso brasileiro, de que estes não tem se esmerado em perscrutar questões como “a estrutura dos meios de comunicação de massa e seu lugar na sociedade” revelando um grande contraste com a abundante produção sobre seus “congêneres europeus e norte-americanos”²⁹.

Questões como o “atrás” proposto por Zicman, chamam atenção para a necessidade de conhecimento do processo de produção de um material de imprensa, “o entendimento do meio jornalístico e de sua maneira de trabalhar é tão importante quanto a análise do material veiculado pelos jornais”³⁰. Desta forma, a análise do conteúdo de um material deve ser feita em paralelo com a análise do seu processo

²⁸ ZICMAN, Renée Barata. *História através da Imprensa - Algumas considerações metodológicas*. [s.n.]. 4ª Parte: Artigos. pp. 89-102 (p.89; 92).

²⁹ TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: Análise de um conglomerado jornalístico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.21.

³⁰ SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953*. 2010. 271 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. -- Assis, SP, 2010, p. 21.

de produção e da forma escolhida para a sua apresentação. Buscando, ainda, observar e compreender as relações sociais, políticas e mercadológicas as quais as mídias estão vinculadas “tanto no interior do mundo midiático quanto [...] no universo que o engloba”³¹. Para o historiador, é importante perceber o que foi escrito, mas também o que está por trás do que foi escrito.

A mídia deve ser compreendida “como um sistema em contínua mudança [...] a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e [...] diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar”³². As transformações da imprensa ao longo do tempo se fazem notar tanto nos conteúdos, quanto nas técnicas de impressão, advindo e sendo determinadas pelas mudanças da sociedade. Mais uma razão para se tomar representantes da mídia impressa, como jornais e revistas de variedades, por exemplo, “como fonte e objeto de estudo, pois analisar sua materialidade de papel, seu formato, sua diagramação parece completar o trabalho preocupado com a análise dos conteúdos”³³, ao mesmo tempo em que dá margem a análises contextuais, e, permite, por meio desses fatores, elucubrações sobre o momento histórico no qual a fonte e/ou objeto se insere. Pois, fenômenos de nível nacional sempre interferem na vida cotidiana “de um jornal, de uma rádio, de uma televisão”³⁴.

Ao deter-se no “dentro”, o trabalho do pesquisador consiste em levantar informações sobre os profissionais que trabalham no órgão impresso, “como são informadas as pessoas encarregadas de nos informar” - premissa apregoada por Bourdieu³⁵, sobre as formas de financiamento/ manutenção da empresa e sua posição política - o que permite precisar o grau de autonomia da empresa midiática, os efeitos da concorrência tanto externa (entre as diferentes mídias) como a existente no interior das redações, bem como os equipamentos e tecnologias utilizadas para produção da notícia.

Pensada em termos de um sistema, como sugerem Briggs e Burke, a análise das mídias requer também uma ênfase na “divisão de trabalho entre os diferentes

³¹ BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. pp. 09-23 (p.11; 16).

³² BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.31.

³³ SOTANA, Edvaldo Correa. **A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953**. 2010. 271 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. -- Assis, SP, 2010, p.21.

³⁴ JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 213 - 230, (p.225).

³⁵ BOURDIEU, 1997, p.35, Apud SOTANA, Edvaldo Correa. **A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953**. 2010. 271 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. -- Assis, SP, 2010, (p.108).

meios de comunicação disponíveis em certo lugar e em determinado tempo”³⁶. Desta forma, compreende-se que o estudo no campo da história da comunicação não pode furtar-se de relacionar as mídias, impressas e/ou eletrônicas, que exercem ou podem exercer influência sobre o momento e material pesquisado, já que estas, em muitas oportunidades, “se recopiam em círculo”³⁷ para elaboração, difusão e extinção da informação.

Busetto chama atenção ainda, para algumas outras questões que precisam ser levadas em conta quando da análise de material jornalístico, tais como:

[...] quanto do material [...] publicado é devido à concorrência geral entre jornalismo impresso e telejornalismo, aos intercâmbios de práticas entre as duas formas de fazer jornalismo. [...] mensurar o quanto do material jornalístico selecionado é resultante de fatos como: o periódico consultado ou analisado integra-se a um conglomerado comunicacional que conta com emissora de TV; o proprietário do jornal encontra-se na luta por uma concessão televisiva; ou, ainda, o dono do jornal não dispõe de canal televisivo, quer em função de sua crença na autonomia do jornalismo impresso em relação ao telejornalismo [...], quer simplesmente por dificuldades financeiras que o impeçam de ingressar no campo televisivo³⁸.

Faz-se mister, para a obtenção destas informações, um estudo pormenorizado das edições, cabendo uma análise ainda mais detalhada dos editoriais e das matérias assinadas, espaços, geralmente, privilegiados para a manifestação de práticas e ideologias do grupo representante dos interesses do periódico. Segundo Maria Aparecida Aquino, “a produção realizada por um periódico mostra suas crenças, concepções políticas e as causas que abraça; em suma, representa um painel aberto à leitura de sua visão de mundo e seus referenciais a partir dos quais ele fala”³⁹. A análise das produções, feita em conjunto com uma análise contextual,

³⁶ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.31.

³⁷ JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. In: **Por uma história política**. RÉMOND, René (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 213 - 230, (p.223).

³⁸ Busetto, Áureo. Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História. In: **Política e Identidade Cultural na América Latina**. BEIRED, José Luís Bendicho; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (orgs.). - São Paulo: Editora UNESP Cultura Acadêmica, 2010. pp.153 - 175, (p.156, 157).

³⁹ AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 98.

permite também que se perscrutem os campos de forças que incidem sobre os jornais (ou quaisquer outras empresas midiáticas). As imposições podem ainda, segundo Aquino, ser de duas formas: censura empresarial – “pressões exercidas internamente dentro dos órgãos de divulgação [...], presente em todos os períodos e não presa a determinadas circunstâncias históricas”, e a censura política – “(genericamente restrita a limites temporais específicos) de orientação externa ao periódico”⁴⁰.

A análise da questão mercadológica também é fundamental, pois, em linhas gerais, é a aprovação do anunciante e a apreciação do público que determinam a “noticiabilidade”⁴¹ dos fatos. As notícias são caracterizadas pela função imediata de informar e entreter, segundo Cremilda Medina, a notícia deve ser encarada como um produto de consumo da indústria cultural, uma mercadoria, e, desta forma, “a ação de informar pode ser vista como uma indústria sujeita a interesses econômicos, políticos e sociais (identificados com o sistema)”⁴². Sujeita às leis de oferta e procura, a notícia deve ser encarada como um artifício “a serviço de”, assumindo, desta maneira, a forma de um artigo para compra, “uma mercadoria que tem em comum com determinados primores, como os morangos ou as framboesas, o fato de “murchar” com grande rapidez”⁴³. Nesta busca de sucesso junto ao público, são utilizadas fórmulas de consumo além de métodos próprios da publicidade. O estudo do produto deve, no entanto, inevitavelmente, ser sempre atrelado ao estudo de seus produtores.

As notícias narram acontecimentos de acordo com o seu significado e não como de fato são, porém, ainda que a objetividade advogada pela mídia seja algo amplamente questionável, não se deve ignorar a ancoragem factual, que confere legitimidade ao discurso jornalístico. Os jornais se utilizam da estruturação cronológica na intenção de conferir credibilidade ao fato anunciado apelando à reconstituição do tempo como indicativo de segurança e fidedignidade factual. Entretanto, o pesquisador deve sempre atentar para a impossibilidade da total isenção da mídia, quer impressa quer eletrônica, ao comunicar os fatos, pois ainda que divulgados os dois lados, a imparcialidade da fonte é uma utopia e, em geral, a “informação” vem acompanhada, quando não submetida, da “opinião”. A notícia é uma representação do fato real e a mídia, que a divulga, é responsável pela

⁴⁰ Idem, p.21, 22.

⁴¹ BERGER, Christa. Do jornalismo: Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.) *O Jornal - Da forma ao sentido*. - 2ª Edição. Coleção Comunicação - Editora UnB, 2002. pp.273 - 283, (p.274).

⁴² MEDINA, Cremilda de Araújo. *Notícia: Um produto a venda* - Jornalismo na sociedade urbana e industrial. Ed. Alfa-Ômega - SP, 1978, p.36.

⁴³ JEANNENEY, Jean Noël. *Uma história da comunicação social*. Terramar. Lisboa - Portugal, 1996, p.84.

construção do fato, devendo ser esta reconhecida como agente do campo político, “assim como outros textos, o material jornalístico pode ser tomado como representação social do mundo e não como um espelho fiel da realidade observada”⁴⁴.

Para o jornalista brasileiro Alberto Dines, “o ponto onde acaba o jornalismo e começa a historiografia situa-se na esfera da ótica: perspectiva. É também questão de esmero. Um laço a mais, na vinculação de acontecimentos e personagens, faz da reportagem História”⁴⁵. Todavia, em artigo escrito pelo sociólogo americano Robert Park e posteriormente citado por Cremilda Medina⁴⁶, Park determina haverem na relação História e Jornalismo diferenças para além da “ótica” referida por Dines: “A História se interessa tanto pelo acontecimento como pelas conexões do mesmo, o repórter procura tão somente registrar cada acontecimento isolado, à proporção que estes projetam luz sobre o real e o presente”. Tânia de Luca corrobora os preceitos de Park quando afirma que:

... a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento⁴⁷.

O “*em frente*” trata das relações existentes entre empresa midiática e seu público alvo, relação nem sempre fácil de se perceber dada a dificuldade do registro desse *feedback*. Em geral, o que se processa da opinião pública com relação aos empreendimentos midiáticos dá-se a conhecer por espaços específicos destinados a essas manifestações, como as seções de “cartas do leitor”, presentes em grande medida na mídia impressa, ou os serviços de atendimento ao consumidor e quadros destinados a participação dos ouvintes e telespectadores, mais frequentes nas

⁴⁴ SOTANA, Edvaldo Correa. **A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953**. 2010. 271 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. -- Assis, SP, 2010, (p.22; 68).

⁴⁵ DINES, Alberto. Prefácio. In: AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência** O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999, p.13.

⁴⁶ MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: Um produto a venda** - Jornalismo na sociedade urbana e industrial. Ed. Alfa-Ômega - SP, 1978, p.69.

⁴⁷ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153, (p.139).

empresas de audiovisual. Mesmo que, de acordo com os objetivos da pesquisa, se privilegie somente um destes setores, é necessário o conhecimento de todas essas áreas para que o material midiático tomado como fonte e/ou objeto seja analisado e compreendido em sua totalidade.

O trabalho com fontes midiáticas traz em seu bojo algumas dificuldades, destacando-se o desequilíbrio de fontes que ora podem ser encontradas em abundância (os impressos) e ora podem representar um grande déficit, como no caso do pesquisador que busca historiar emissoras de rádio e televisão, dificuldades advindas, em linhas gerais, dos altos custos provenientes do acondicionamento do material audiovisual (o que faz deste uma fonte de difícil acesso). Outro ponto que precisa ser visto com cuidado é a análise do material midiático por ele mesmo, prática recorrente entre os pesquisadores das áreas de comunicação que não se preocupam com uma historicização da mídia. Via de regra, nenhuma fonte, quer abundante quer restrita, se basta, Busetto é incisivo ao dizer que “as fontes não podem se limitar apenas ao material contido nas páginas, nas mensagens sonoras e nos audiovisuais produzidos pelo universo midiático ou por uma empresa midiática em particular”. Desta forma, ao “tomar a mídia, ou as produções dentro dela, como fonte e objeto” o recurso a outras fontes de informações e dados⁴⁸, como documentos oficiais, biografias e memórias é igualmente indispensável.

Retornamos a Boschi na intenção de elencar dois princípios gerais que nos são úteis no reconhecimento e utilização das fontes, em primeiro lugar tem-se “como pressuposto, dentre outros requisitos, que saibamos (re) estabelecer as relações essenciais e internas a ela. O historiador deve saber, aprioristicamente, recuperar as relações de organicidade dos documentos”. O segundo ponto destacado pelo autor diz respeito a necessidade de que o pesquisador tenha “ciência de como ocorrem a produção e o fluxo dos documentos, e [com relação a acervos e fundos de arquivos], sobretudo, [saiba] identificar como se realizam a organização e o armazenamento dos documentos respeitantes às instituições ou a que a ela foram designados”⁴⁹.

⁴⁸ Busetto, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008. pp. 09-23 (p. 16; 19; 22),

⁴⁹ BOSCHI, Caio César. “O historiador, os arquivos e as novas tecnologias - notas para debate”. In: **Exercícios de pesquisa histórica**. Ed.: PUC - MG, 2011. pp.13 - 34, (p.18).

conclusão

Antoine Prost atesta que “a história já não pretende fornecer uma explicação global das sociedades e, em vez de acontecimentos, empenha-se em estudar objetos dispersos”⁵⁰. A diversificação das temáticas historiográficas, sentida com mais intensidade na segunda metade do século XX, influenciou drasticamente a escolha das fontes de pesquisa⁵¹, e a mídia, seus produtos e produtores, apresenta-se nesse sentido como um novo campo do interesse historiográfico.

Ao longo dos séculos a imprensa firmou-se definitivamente como um poder, e tem desempenhado “um grande papel na vida política e social das gerações”⁵², por isso a análise de sua produção não pode perder de vista os confrontos de poderes e interesses que permeiam os grupos dominantes da sociedade⁵³. Ao se tomar as diversas mídias, e em larga medida os impressos, como agentes do campo político e construtores do próprio fato divulgado, de acordo com os interesses dos profissionais da imprensa e dos proprietários das empresas jornalísticas, concebe-se que estes não apenas informam, mas também formam opiniões em meio ao contexto em que se inserem. Fazendo-se necessário, portanto analisar as relações sociais aos quais os meios estão vinculados, bem como as pressões a que possam estar submetidos.

Ao se optar pela realização de um estudo dentro da “história dos impressos” ou “história do jornalismo”, subdivisões da chamada “história da comunicação social”, não se deve esquecer que as mudanças nos sistemas de mídia são consequências das modificações ocorridas na sociedade, sendo impossível desassociá-las das alterações sofridas no sistema de transporte e nas tecnologias de impressão, por exemplo. Algumas invenções redefiniram a dinâmica da vida social, desta forma o conteúdo de uma publicação não pode ser desvinculado do lugar ocupado por esta na história, de forma geral e, sobretudo no que concerne a história da imprensa⁵⁴.

⁵⁰ PROST, Antoine. “A história social”. In: **Doze Lições sobre a História**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, pp. 189-209.

⁵¹ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153, (p.126).

⁵² JEANNENEY, Jean Noël. **Uma história da comunicação social**. Terramar. Lisboa - Portugal, 1996, p.81.

⁵³ SOTANA, Edvaldo Correa. A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953. 2010. 271 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. -- Assis, SP, 2010, p.68.

⁵⁴ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanegi (org.). São Paulo: Contexto. 2005. pp.111-153 (p. 139).

A mídia é responsável pela veiculação de um tipo de conhecimento distinto do difundido pela História, porém, atua na construção do acontecimento histórico. Desta forma, concordamos com Robert Park quando este afirma que “publicada e reconhecida a sua significação, o que era notícia se transforma em História”⁵⁵. O compromisso da imprensa em seu caráter de empresa cultural é vender o seu produto, a notícia vinculada em suas páginas (pontualmente no caso dos impressos), sem, é claro, esquecer-se de suas motivações políticas. Já o historiador trabalha com o material difundido nos jornais, e nas mídias em geral, na intenção de desconstruir as representações veiculadas pelos órgãos de imprensa.

Optamos por encerrar nosso comentário com os dizeres do jornalista Alberto Dines, que reafirma a fluidez dos fatos e a interdependência entre os sistemas de conhecimentos dentro da chamada chave da comunicação social, mormente no que diz respeito a produção e ao relacionamento de jornalistas e historiadores:

○ fato de ser periódico não tira do jornalismo a sua perenidade, nem o propósito alargado confere automaticamente à obra histórica o diploma de definitiva. Um novo depoimento revelado no dia seguinte, ou o documento inédito localizado um ano mais tarde, podem alterar radicalmente a imagem e o sentido dos fatos ou situações tidos como inabaláveis⁵⁶.

⁵⁵ PARK, 1970, p.171, Apud MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: Um produto a venda** - Jornalismo na sociedade urbana e industrial. Ed. Alfa-Ômega - SP, 1978, p.26.

⁵⁶ DINES, Alberto. Prefácio. In: AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência** O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999, p.13.